

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

ERA NO TEMPO DO REI

LUIZ ANTONIO AGUIAR

ea
editora ática

Era no tempo do rei

© Luiz Antonio Aguiar, 2005

Editora-chefe

Editor

Editor assistente

Preparação do original

Coordenadora de revisão

Revisora

Seção "Outros olhares"

Colaboração

Estagiária

Claudia Morales

Fabricio Waltrick

Roberto Homem de Mello

Maria Sylvia Corrêa

Ivany Picasso Batista

Cátia de Almeida

Baby Siqueira Abrão

Fabiane Zorn

Grazielle da Veiga

ARTE

Diagramadora

Editoração eletrônica

Thatiana Kalaes

Estúdio O.L.M.

Eduardo Rodrigues

Etoile Shaw

Pesquisa iconográfica

Ilustrações

Ilustrações de Manuel Antônio de Almeida

Edição eletrônica de imagens

Estagiária

Ivan Zigg

Samuel Casal

Cesar Wolf

Gabriela Cesar

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A23e

2.ed.

Aguiar, Luiz Antonio, 1955-

Era no tempo do rei / Luiz Antonio Aguiar ; ilustrações

Ivan Zigg. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2009.

112p. : principalmente il. -(Descobrimo os clássicos)

Baseado em: *Memórias de um sargento de milícias* /

Manuel Antônio de Almeida

Contém suplemento e apêndice

ISBN 978-85-08-12445-9

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Almeida, Manuel Antônio de, 1831-1861. Memórias de um sargento de milícias. II. Zigg, Ivan, 1959-. III. Título. IV. Série.

09-1121.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12445-9 (aluno)

ISBN 978 85 08 12446-6 (professor)

Código de obra CL 736567

2013

2ª edição

5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



ERA NO TEMPO DO REI

O jovem Leonardo só queria impressionar Izabel, sua amiga de infância. O resultado, porém, é literalmente um desastre. Acaba batendo o carro do pai, que ao saber da confusão quase tem um ataque cardíaco. Atormentado pela sensação de culpa, Leonardo resolve arrumar um emprego para pelo menos pagar o conserto do carro.

Logo aparece uma oportunidade: trabalhar como ledor — pessoa que lê textos em voz alta para deficientes visuais — para a avó de Izabel, dona Sofia, amante da literatura. Com essa atividade, começa toda uma nova experiência de vida para o garoto.

No livro que lê para dona Sofia — o clássico *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida — Leonardo se identifica com o personagem principal: um rapaz impulsivo, irrequieto, avoado, sempre metido em confusões. Muito parecido com ele e que, ainda por cima, também se chamava Leonardo.

A leitura não apenas faz o Leonardo do século XXI começar a gostar de literatura como também o leva a repensar seu jeito de ser. O garoto amadurece. Com seu esforço, consegue ganhar o dinheiro de que precisava. Também percebe que entre ele e Izabel agora existem sentimentos diferentes da amizade do tempo de criança.

Acompanhando as peripécias paralelas dos dois Leonar-

dos, o leitor também se depara com outra personagem importantíssima deste livro: a literatura. Ela mesma, que, além de ser uma companhia tão preciosa para dona Sofia, estimula Leonardo a abrir novas janelas em sua vida.

Os editores

Os trechos de *Memórias de um sargento de milícias* que constam em *Era no tempo do rei* foram retirados da edição publicada pela Ática na Série Bom Livro (31ª ed., 2002).

SUMÁRIO

Era no tempo aqui e agora...	9
1 Um moço da pá virada	10
2 Explicações	23
3 Encontros e reencontros	28
4 Chega de zoar!	34
5 Reflexões de dona Sofia	40
6 Reflexões de Izabel	50
7 Represálias	59
8 Amores e sustos	76
9 Diabruras	86
10 Contrariedades	91
11 A volta	95
12 Conclusão feliz	97
Outros olhares sobre <i>Memórias de um sargento de milícias</i>	105



*Para Leo, meu afilhado querido, arteiro e peste,
como se deve ser, e alegre, e lindo, lindo!*



Era no tempo aqui e agora...

.....

Recuado da calçada e quase oculto, em meio aos paredes dos prédios, existe um portão duplo de metal pesado, dois metros e meio de altura, que fora pintado e repintado de tantas cores diferentes e sofrera tantos e tantos anos de fuligem de trânsito que ficou como se vê agora, de cor indefinível. É o único acesso para uma vila de casas antigas, que não dá para se avistar da rua. O chão da vila é de paralelepípedos, uma alameda arborizada, ao longo da qual, quanto mais se avança, mais o barulho dos carros e do bairro se distancia, até desaparecer. Quanto mais se adentra a vila, também, mais antigas vão ficando as casas. As da ponta da rua são ainda as mais modestas. Já no final da vila, no extremo mais recolhido, há uma casa centenária, a mais antiga de todas, com janelões coloniais e sacadas estreitas, de batente de pedra e com grades de ferro batido, negro. É nessa casa — tão de outro tempo, mas ainda tão conservada, imponente e bonita, como se o tempo não a tivesse gasto — onde começa nossa história, que junta presente e passado. Mais exatamente no segundo andar, uma ampla biblioteca de estantes de madeira cobrindo quase a totalidade das paredes até o teto, e de assoalho de tabuões corridos.

E aqui, melhor deixar a cena acontecer...



• 1 •

.....
Um moço da pá virada
.....

— Dona Sofia! Dona Sofia! Pega ele fuxicando nas suas coisas! — berrou a Pepê, ainda da porta, que abrisse de supetão às costas de Leonardo, dando um tal susto no garoto que ele deixou cair o objeto que tinha na mão, uma espátula antiga, de abrir páginas de livros, com lâmina de bronze e cabo de ônix. Ao bater no chão, o cabo espatifou-se. Ao ver isso, Pepê soltou outro berro, chamando dona Sofia, e saiu correndo pelo corredor ao encontro da patroa.

“Minha nossa!”, sobressaltou-se Leonardo em pensamento. E apesar do impulso de fugir e nunca mais mostrar as caras naquele casarão, ficou paralisado, sem querer acreditar no desastre que tinha acabado de provocar — “Outro!” — , olhos agarrados nos pedaços do que fora o cabo da espátula, enquanto Pepê bradava, descendo o corredor ao encontro da dona da casa:

— Eu bem que avisei. Não disse? Esse aí não presta. Desde pequeno. Um mau elemento. Vem ver, dona Sofia!

Dona Sofia deteve seu passo lento e cauteloso e deu um sorriso, já percebendo Pepê, ofegante, bufando, à sua frente. E por causa do sorriso dela, Pepê teve de engolir em seco, porque já ia repetir, insistente, “Vem ver! Vem ver, dona So-

fia”, quando se deu conta da besteira que estava dizendo. Mas a raiva era mais forte e ela logo emendou-se:

— A senhora não está pensando em ficar com esse garoto fuxicando aqui na sua casa, está? No que peguei ele em flagrante, ainda quebrou uma daquelas suas faquinhas de estimação. Não contei o que ele fez no carro do meu filho? Olha, dona Sofia...

De novo, mais um verbo que ela vivia se proibindo de pronunciar diante da patroa. Pepê brecou outra vez, mas continuou ofegante. Dona Sofia não disse nada. Na verdade, o constrangimento de Pepê a divertia tanto que jamais pensara em conversar com ela sobre a inutilidade de evitar palavras. “E já são dezesseis anos... quando ela vai aprender?”, pensou dona Sofia. Sua mão encontrou com facilidade o ombro os-sudo de Pepê, pousando nele, como a lhe pedir calma. Pepê soltou um sonoro suspiro de inconformidade e deu passagem à patroa, que, seguindo sua trilha costumeira no corredor, chegou à porta da biblioteca.

E logo que entrou no ambiente, sentiu vontade de dar uma risada. Mas conteve-se... Não saberia dizer quando desenvolvera aquela sensibilidade toda especial, que extraía do silêncio em torno as sensações das pessoas que estavam com ela no ambiente. Coisas que outras pessoas traduziriam do que viam estampado na face, uns dos outros, mas que ela simplesmente captava. Foi do silêncio da biblioteca, então, que não só confirmou a presença de Leonardo como teve a certeza de que o garoto naquele momento estava em pânico.

— Foi uma espátula que você quebrou? — perguntou dona Sofia, sem nenhuma irritação na voz.

— A-acho que foi... uma coisa para abrir envelopes, não é?

— Ou livros. Antigamente, as páginas dos livros vinham sem corte, e a gente passava a espátula na beirada, à medida que ia lendo, para abri-las. Não precisamos mais delas para isso, hoje em dia, mas a coleção que você está vendo foi do

meu pai, depois passou para mim e eu a mantenho porque... porque gosto de coisas relacionadas a livros.

— Quer dizer... que essa coisa é bem antiga, né?

— Qual delas foi? Foi o cabo que se partiu?

— Foi. É uma com o cabo verde. Acho que é mármore, não é?

— Ônix. É do século XIX. Francesa.

— Eu pago! — apressou-se a dizer Leonardo, embora já preocupado. Tinha vindo até ali para conseguir dinheiro para pagar um prejuízo que causara... e de cara arranjava mais outro.

— Se você fizer a gentileza de reunir todos os pedaços... Bem direitinho, viu? Mesmo os menores. Vamos ver o que um restaurador pode fazer.

— Mas se for para colar, eu mesmo posso fazer. De graça. Pode deixar comigo, que vai sair uma beleza, dona Sofia!

— Não, Leonardo... — e dona Sofia não conseguiu resistir a acrescentar, sempre prendendo o riso... — O risco é menor se entregarmos isso a um restaurador profissional, você não acha...? Pode catar os pedaços?

— S-sim, senhora! — respondeu Leonardo, sem graça e já se agachando.

E nesse instante, Pepê surgiu de volta, o rosto encovado, vermelho, pior, roxo, de raiva. Parecia que o pequeno intervalo só fizera aumentar a irritação dela.

Pepê era uma das mais antigas moradoras da vila. Era viúva — seu marido, morto há mais de dez anos, fora marceneiro. Quando ela se aposentou de seu emprego de merendeira de escola, manteve o trabalho de costureira para fora, com o qual — orgulhava-se de dizer — conseguira pagar os estudos de seu filho, um médico recém-formado. E passou também a trabalhar para dona Sofia. Pepê era poucos anos mais velha do que dona Sofia. Seu trabalho na casa era vir toda manhã e, permanecendo mais ou menos até a hora do almoço, quan-

do ela e dona Sofia faziam juntas a refeição, ou vez por outra até o final da tarde, dirigir a faxina e as compras, a cargo de duas outras empregadas, pagar contas, correio e, coisa muito importante para dona Sofia, verificar que nenhum móvel ou objeto fosse movido do seu lugar.

— Dona Sofia — Pepê grunhiu —, a senhora não pode estar pensando mesmo em ter esse garoto andando pela casa. Conheço esse aí desde criança. Não tem consideração com ninguém. Nasceu torto e não tem jeito, nunca vai dar coisa direita. Sempre atormentou a vila, a vizinhança tem horror a ele! Já quebrou coisa sua, na qual não tinha nada que mexer, e não faz nem cinco minutos que entrou aqui. Ponha ele para fora antes que aconteça coisa pior, estou avisando.

Mais uma vez, Leonardo sentiu vontade de fugir dali, e deixar Pepê bradando às suas costas. Pepê era sua vizinha de porta, desde que se lembrava de alguma coisa na vida. E nunca fora com a cara dele. Desde criança, também, ele a ouvia dizendo coisas como aquelas. E não podia dizer que não de- ra motivo. Mas, ali, naquela biblioteca, nunca aquelas pala- vras lhe doeram tanto. Ainda mais porque num relance per- cebeu que não fora apenas de Pepê que ouvira coisas semelhantes. E isso também desde que se lembrava de algu- ma coisa na vida. Gente apontando, tomando satisfações da mãe dele, berrando com ele...

“Até o papai... foi assim que ele falou quando... quando...”.

E foi o último pensamento, o rosto de seu pai, congesti- onado, sanguíneo, os olhos se revirando para dentro, que o fez reagir, como se respondesse a seu Nasário:

— Foi sem querer! — exclamou Leonardo.

— Sem querer? Foi também o que você disse sobre o car- ro do meu filho.

— Já prometi que vou pagar o conserto — berrou Leo- nardo sentindo-se contra a parede.